

O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurants, Cafés, Bars e classes congeneres

ANO II — N. 6

RIO DE JANEIRO, 15 DE JANEIRO DE 1917

REDAÇÃO:
RUA DO SENADO, 216-172
Telefone C. 1.499

Luta improficua

Com os ensinamentos que nos proporciona o conhecimento do meio ambiente em que vivemos, podemos avançar, sem receio de errar, que, á hora em que os prósos atirarem sob os olhos dos seus leitores este jornal, já se terão extinguido os últimos ecos da retumbante, mas efêmera agitação contra o aumento dos impostos, nova carga que os governos federal e municipal acabam de lançar ás costas deste faminto povo, que terá de pagar dívidas que não autorizou e que muito menos usufruiu.

No correr dessa efêmera agitação, assistimos, verdadeiramente perplexos, á conjunção de esforços dos elementos mais heterogêneos, entre cujos interesses ninguém, por mais conservador e por mais adaptado á sociedade capitalista, poderá achar nenhum ponto de contato, nenhuma afinidade, porque um — o comércio — é o alçoz e o outro a vítima; um é o explorador impenitente e imoral, ezerecendo o seu roubo tanto mais revoltantemente quanto o faz á sombra das garantias legais, apoiado na violencia organizada, isto é, nas leis, nos juizes que as interpretam, e nos esbirros, paizanos e militares, que as cumprem; — o outro — o infeliz povo — eternamente atrelado ao carro da sua propria desdita, acorrentado ao tronco da exploração pelas grossas cadeias da sua propria inconsciencia, ele o produtor de todas as riquezas, que com os seus braços ou com os seus cérebros enche de confortos e de gozos a vida dos potentados, dos paizanos, dos ociosos, enfim desses inumeros zangões da colmeia humana que, erijindo-se em classe dominante, conseguiram pela ignorancia do povo o monopólio da vida.

E' que, desgraçadamente, o povo, na sua infancia milenar, não se ponde ainda habituar a a dirigir-se pelos seus proprios pés, a pensar por conta propria, livre dos sofrimentos e embustes politicos e sociais.

De tudo e de todos espera o povo o gesto que o hade vir arrancar da dezoaladora miseria em que se encontra: dos politicos, dos governantes, da "miserícordia divina", da "sorte" e, ultimamente, até do proprio comercio! — menos da sua propria iniciativa, da sua energia, da afirmação da sua vontade que, si a soubesse fazer valer, ha muito teria cessado a sua angustiada situação, os seus penitentes sofrimentos...

A imprensa, induzida pelos seus interesses partidarios e pelos da classe capitalista, contribui eficazmente para que o povo seja ludibriado por uma série de erros e prejuizos ao encerrar a situação: esses interesses partidarios e de classe levam a imprensa a desvirtuar e complicar as mais simples questões, lançando a confusão no espirito do povo, matando a confiança nos proprios esforços e fazendo-o acreditar que os seus males derivam, não da organização social, mas sim das individualidades que atuam no cenário politico.

Daí o ter o povo suposto que o comercio, classe eminentemente conservadora, pudesse vir para a rua fazer cauza comum com ele, na defeza dos seus interesses.

Pobre povo! A que extremos de incoerencia pôde levar-te a tua injenuidade, fi ha da ignorancia das origens dos teus males!

Quando mesmo esse comercio podesse ser atingido pelo pezo do aumento de impostos — o que é bem de vêr que o não será, pois que já o está descarregando sobre o povo — é evidente que o comercio, como classe conservadora por essencia, com interesses creados e vinculados á atual ordem de coisas, não se aventuraria certamente ás afoitezas de um protesto subversivo, pois que seria isto um pernicioso exemplo de rebeldia ao povo, o qual por sua vez, com tais estímulos, não perderia certamente a excelente oportunidade para tomar conta aos seus exploradores. E nós sabemos, pelas sugestivas lições da historia, o que é o povo quando se resolve a tratar ele proprio dos seus interesses... Que formidaveis tranços não levaria a "ordem social", e até que ponto seriam respeitadas os interesses creados da burguezia!

Parece mesmo que essas possibilidades nada agradáveis teriam sido oportunamente lembradas aos representantes do comercio...

E afinal porque haveriam os comerciantes "et reliqua" de se meterem nestes "perigosos" protestos subversivos si eles, apesar de nada produzirem, são os melhor aquinhoados na partilha dos gozos da vida, vivem fartos, bem nutridos, bem vestidos!... Porque haveriam de as classes privilegiadas darem o

exemplo de insubordinação ás classes trabalhadoras, si agora mesmo, em meio ás calamidades decorrentes da hecatombe guerreira, são elas os que mais aproveitam especulando e enriquecendo cada vez mais com a fome do povo!

Vemos, pois, que o povo deve enveterdar por outro caminho, si quer realmente reivindicar os seus direitos expoliados por governantes e capitalistas.

Nós devemos tomar por nossas mãos aquilo a que temos direito, sem cojitar si estamos dentro ou fóra da lei. Sentimos as necessidades e essas necessidades podem e devem ser satisfeitas, custe o que custar!

Tampouco nos devemos preocupar si a patria precisa realmente do sacrificio daqueles que já nada mais têm a sacrificar, nos quais tudo falta; porque a patria não é o que hipocritamente nos ensinam: a "comunidade de interesses", "a terra onde nacemos e vivemos", mas sim os corrilhos de ladrões que se locupletam com o nosso trabalho. O povo trabalhador não pôde ser responsável pelos compromissos que eles contraíram sem sua audiencia; o produto desses empréstimos cujo pagamento tanto faz agora perigar a "honra" da patria, e cujas consequências levam os governantes a apelar para o patriotismo do povo — só nesses momentos é que os homens da governança se apercebem da sua existencia — não reverte absolutamente em beneficio desse povo, foi criminosa e esbanjado em banquetes, em orgias, em propinas á imprensa, em novas sinecuras, aumentando locamente a burocracia ociosa em proveito exclusivo dos partidos politicos que exploram o povo em nome da patria.

Não se rejubile o povo com a saída do prefeito; a sua situação está muito longe de sofrer modificação. O transtorno não caiu, como hipocritamente afirma a imprensa; e não caiu porque ele aí está firme, ereto, garantido por alguns milhares de baionetas; empunhadas pelos filhos desse mesmo povo roubado e escarneado; e muito mais que por essas baionetas, pela sua ignorancia que julga não poder viver sem os seus malefícios, sem os seus crimes... O monstro é a sociedade capitalista com os seus orgãos mais genuinamente representativos: o Estado e a propriedade privada.

Emquanto perdurar um regimen social no qual uma reduzida minoria, apropriada dos meios de produção, da riqueza, obriga a maioria a produzir para o exclusivo beneficio deles, assegurando-lhe apenas o necessario para que não morra de fome, enquanto existir tamanha iniquidade, fique certo o povo, ele hade ser a vítima, a unica vítima, quer esteja no poder um Wendesláu, um Marechal, Hermes ou um Ruy; quer seja prefeito um Azevedo Sodré ou um Amaro Cavalcanti.

E sofrerá as maiores privações ao passo que a canalha dourada se esjojará no meio dos seus vícios, num luxo insolente.

O povo deveria ter sempre presente na sua memoria os versos da "Internacional", na sinjeleza da sua verdade:

Para não ter protestos vãos,
Para sair deste antro estreito,
Ficamos nós, por nossas mãos
Tudo o que a nós nos diz respeito!

Jornalismo operario

(Lido no festival em beneficio de "O Cosmopolita" na noite de 30 de Setembro de 1916)

Não vos assusteis com esta rima de laudas... Assagurei-vos, sob palavra de honra, que o papel é encorpado bastante e que a minha letra é naturalmente grande e espaçada; para poucos minutos, quinze ou vinte, dar a materia aqui contida. Eu compreendo perfeitamente a anciedade em que estais de dar começo ao baile... e não cometeria a perversidade de torturar-vos com uma longa e erudita conferencia doutrinaria ou apocriptica. Isto, aliás, é cousa inteiramente estranha aos meus habitos e á minha vocação. Brevisimo serel, portanto. Poucas palavras. Considerações sumarias e lembranças oportunas.

Os camaradas componentes do grupo que se propõe a editar o periodico, em cujo beneficio se realiza este festival, pediram-me que viesse aqui dizer o que me fosse possível, e segundo a indole das circunstancias, sobre o jornalismo operario. Tema cativante e instrutivo...

A imprensa, em virtude da força da sua influencia, se chamou o quarto poder. Realmente constitui ela uma enxada poderosissima, formidável maquina de idéas, força colossal e predominante da opinião publica. Os governos não dispensam a colaboração do grande jornalismo, atugando-lhes as melhores penas, temeroros das oposições da letra de forma.

Com o prodigioso desenvolvimento do industrialismo moderno, a imprensa se tornou o grande coadjuvante dos altos negocios, transformada ela mesma em industria rendosissima, de caráter eminentemente capitalista, pela sua organização e orientação.

Para exemplificar com os dados mais nosos conhecidos, lembra-me a critica penetrante e reveladora, sobre o jornalismo de França, feita por Francis Delaisi na sua obra "A democracia e os capitalistas". Os maiores jornais de Paris são, com efeito, riquissimas empresas cujo pezo é decisivo na balança da politica nacional. Com uma assombrosa tiragem diaria, que ás vezes ultrapassa um milhão de exemplares, o "Matin", o "Journal", o "Petit Journal" e outros mais se esparham quotidianamente por toda a França, penetrando nas mais longinquas aldeas, infiltrando-se por toda a parte, criando assim uma inconstratavel influencia na opinião publica, que eles naturalmente manejam ao sabor dos interesses dos seus acionistas. E como a cupidiz dessa especie de jente é insaciavel, pôde bem imaginar-se quanta tramola, quanto panamá polpudo tais empresas jornalistas preparam e exploram impunemente. Delaisi afirma, com espirito e com verdade, que os grandes orgãos da imprensa industrial vivem menos dos escandalos que dão á luz que daqueles que não publicam...

Orá, o proletariado militante, diante da feição nitidamente capitalista tomada pelo jornalismo moderno, se viu na necessidade de criar, ele tambem, uma imprensa propria.

Seria interessantissimo um estudo historico e comparativo em que se estabelecesse o contraste radical entre os dous jornalismo, o capitalista e o proletario. Dum lado o esponente mais alto do idealismo desinteressado e generoso; do outro lado o mais alto esponente da dezenfrenda e desolada luta pelo ouro e sempre mais ouro. Uma biblioteca e um cofre forte, um cerebro e um estomago. O eterno dualismo das classes.

Entre os exemplos mais característicos do esforço proletario pela constituição de orgãos integralmente seus, conta-se o do "Revolte", fundado por Kropotkine em 1879 e que, sob o titulo de "Temps Nouveaux" e redijido por Jean Grave, em Paris, existiu até ha dous anos atrás, até ao momento de estalar a conflagração europea.

Não me furto ao desejo de citar as proprias palavras de Kropotkine a este respeito, e que se encontram nas suas memorias, bem conhecidas de muitos de vós.

Depois de se referir á circunstancia de se verem obrigados a sair da Suissa os principais militantes da Federação do Jura, entre eles Kames Guillaume, que editava com grandes sacrificios um "Boletim" da Federação, conta o velho revolucionario russo:

"Aconteceu, pois, que eu, um estrangeiro, tive de empreender a publicação dum jornal para a Federação. Eu hezitava, está claro, mas não havia outro partido a tomar, e com dous amigos, Dumartheyy e Herzig, lancei em Genebra, em fevereiro de 1879, um novo jornal bi-mensal sob o titulo "Le Revolte". Tive que tomar o encargo de o redijir quiz por inteiro. Nós não possuammos mais que vinte e tres francos para cotodos, a fim de se obterem assinaturas e conseguimos fazer aparecer o primeiro numero. Era moderado na forma, mas revolucionario na essencia, e eu esforçava-me para compôr o jornal num estilo de natureza a tornar as mais complicadas questões historicas e economicas compreensíveis a qualquer operario intelligente. Anteriormente a tiragem dos nossos jornais jamais havia conseguido ultrapassar seiscentos exemplares. Nós tiramos dous mil exemplares do "Revolte", os quais se esgotavam ao cabo de poucos dias. Era um successo, e o jornal ainda existe em Paris, sob o titulo de "Temps Nouveaux".

E assim como este, brotados todos da vontade indomavel dos idealistas do movimento operario, quantos e quantos periodicos, oraculos da boa nova, a levarem ao trabalhador a palavra da esperanca e da rebeldia, se tem publicado por toda a parte do mundo, em todas as linguas e sob os mais diversos feltios, e cujas colleções encherão de assombro os historiadores do futuro, com a expressão mais comovedora, mais eloquente, mais flagrantemente justa da estupidade epopéica contemporanea das reivindicaciones proletarianas!

Varios são os jornais ainda hoje existentes, na Europa e na America, e que valem pela mais positiva demonstração de energia e de pertinacia. Para citar alguns dos mais familiares entre nós, basta lembrarmos o "Freedon", de Londres, que já atravessou tres decadas e que ainda agora se ergue, em meio ao descalabro guerreiro, com a mesma pontualidade e firmeza de sempre. "Tierra y Libertad", de Barcelona, sempre intemerata e tenaz, vinda de longos anos, atravez uma série incontavel de obstáculos de todas as especies. "A Aurora", do Porto, melhorada em cada nova fase, e que se tem tornado um dos mais bem feitos e eficazes orgãos de propaganda que eu conheço. Aquil na America temos o exemplo incomparavel de "La Protesta", de Buenos Aires, que se tem mantido atravez vinte anos das mais feroces perseguicoes plutocraticas, empastelada e incendiada pela furia patriótica da burguezia portenha, e reerguendo-se mais bela e mais ouzada depois de cada golpe da prepotencia, sendo atualmente o admiravel diario que todos vós sabeis.

Tambem aqui no Brazil, si não pelo numero de anos ou pela regularidade de publicação, temos tido alguns excelentes periodicos, que a seu tempo prestaram os melhores serviços ás batalhas do operariado. Não vale a pena mencionar nomes em cuja historia estamos todos mais ou menos envolvidos.

A classe que forma esta associação já teve igualmente o seu orgão jornalístico, "A Verdade", que bons esforços despendeu em prol do Centro Cosmopolita e suas reivindicações.

Cojita-se neste momento, de fazer aparecer "O Cosmopolita", creio que com a mesma feição e o mesmo programa: aqui nos achamos todos prestando o nosso concurso inicial para o que em breve se tornará uma formosa realidade.

Si algumas frases de apó e de incentivo eu hei de dirijir aos camaradas a que pertence esta iniciativa, nada melhor farei que repetir conceitos do fundador da "Revolte", Kropotkine, e dizer-lhes que o programa fundamental de todo o sincero orgão proletario está em "fazer sentir ao operario que o seu coração bate com o coração da humanidade inteira; que ele participa da sua revolta contra a injustica secular, como das suas tentativas criadoras de novas condições sociais..."

Porque, evidentemente, a obra dos jornais operarios, a um tempo orientadora e refletora das suas lutas, não deve limitar-se ao registro de estatísticas mais ou menos rigorozas, nem á inserção de retoricas menos ou mais pompozas. Não: o seu alcance deve ir além dos immediatissimos contentaveis ou dezinadores, e forjar, em cada palavra, um elemento fermentador de energias rebeladas, um jermem de vontades renovadoras e purificadoras. Esta a obra necessaria e realmente util do jornalismo operario, e que eu auguro, neste instante, para o novel "O Cosmopolita".

ASTROJILDO PEREIRA.

O alcool e o tabaco

"O homem, esse já não assegura á sua descendencia o cunho dos antepassados."

EUGENIO GEORGE.

Podem ser contados ás dezenas de milhares os meios para o homem se envenenar lentamente, mas os unicos a que mais se afeiçãoou para saciar seus instintos brutais foram sem duvida o tabaco e o alcool, agora companheiros inseparaveis seus.

Notadamente em nossa classe se encontram os mais afeiozados nesses vícios que corrompem duma maneira estúpida o organismo, por si já tão depauperado devido ao esforço violento de continuas horas de serviço ezastivo.

Le Bon, Vohl e Eulemburg encontraram no tabaco, na doze de tres a oito miligramas de acido prussico por hectograma, e atribuem a esse toxico a cefaléa, as náuzas e vomitos que acuzam a intoxicação entre fumantes novatos.

Uma grama de tabaco queimado em cigarros fornece 20 a 80 centímetros cubicos de oxido de carbono; no cachimbo a mesma quantidade dá lugar a uma produção de 50 a 100 centímetros cubicos daquele gaz.

Grebant, Dudley, Jacoby e outros autores atribuem á intoxicação lenta pelo oxido de carbono todos os accidentes tabajistas. Brodie, Bougou e Galtie observaram casos de delirium tremens nicotico, com alacinações vizuais.

Segundo Grisolle e Blanchet o uzo prolongado do cachimbo e dos fumos fortes, é a cauza mais provavel da estupidiz quanto mais prematura for esse vicio.

Notadamente se vê um fumante novato dizer, abandonando quando quizer, nunca porém chegam a tomar essa resolução pois a vontade está já aniquilada pelo vicio. Além destas demonstrações muitas outras ha para provar o mal que produz o vicio do tabaco e o retrocesso que traz para a humanidade tal vicio, amparado criminosamente pelos governantes, que o tomam como fonte de renda abundante. Si vez de taxar tudo quanto se diz genero de primeira necessidade se taxasse o alcool e o tabaco, de tal maneira que constituísse um objeto de luxo, muito lucraria a humanidade com tal medida.

Em nossa classe, a qual mais depressa apanha todos esses vícios (tomados por distração para o longo cativeiro nas masmorras) essa lucraria duma maneira que se não pôde de pronto calcular, tal era essa medida salvadora da humanidade, mas como tal medida não virá e portanto é utopia, resta-me o consolo de que os que lerem estas linhas, nelas reflitam e reparem os males que advém daí, e mais: si forem homens conscientes de suas obrigações para com a especie, depressa abandonem esses vícios sem os quais passarião melhor e com os quais se arruinam e envenenam lentamente.

O alcool é o mais importante fator da degeneração humana. Legrain encontrou em 791 fillos de bebedores 322 dejennerados, 155 alienados e 131 epilepticos, o que equivale dizer que só 157 desses desgraçados estavam em estado de saúde perfeita. O que mais revolta é o ver-se a complicitade das classes dirigentes consentido que o vicio da embriaguez seja explorado dum modo tão cynico e escandalozo.

Não é raro ver-se tribunais de jurí defronte a cazas de bebidas, para julgar as vítimas que ali se perderam e perderam os seus. E mais, si examinarmos a galeria de

criminosos lá veremos que a maioria o foram sob a ação do alcool, o que representa que expiam um crime cometido pela sociedade. Em França se pôde contar uma taberna para cada grupo de 65 habitantes, e em Londres existem cerca de cinco mil cazas de bebidas onde sómente frequentam ladros e prostitutas, isto é, antes da guerra, porque agora, a dar credito aos telegramas e correspondencias, foi tudo abolido, tal foi o mal notado pelos governos. Diz mais Roubinovitch que no ano de 1895 o consumo de bebidas alcoolicas na Alemanha orçou em 3 bilhões e 400 milhões de francos, enquanto as despesas com os generos de primeira necessidade não excederam de 3 bilhões e 800 milhões. Kolossal! Ainda Roubinovitch e Ladrage dizem que 50% das creanças nacidas em Paris, Londres e outros grandes centros industriais, morrem antes de atingir á idade de 3 anos, devendo esta mortandade ser dividida pela hereditariedade tuberuloza e alcoolica e sendo a primeira filha querida da segunda indica quiz o mesmo com raras exceções. Não é raro ver-se um chefe de cozinha — pois é nesses antros que mais quantidade de alcool se consome, devido ao calor desprendido por essas fornhalhas que queimam e ressecam os intestinos do ente humano mais resistente — procurar enveterdar por um caminho que não é o seu, o de churrasco de seus irmãos de infortunio e tu porque? O Alcool. E tambem não é raro ver-se caixeiros de manhã cedo a beber o que na guria se chama de aboieras e daí a pouco está um bruto perfeito, tipo intratavel, não é (muitas vezes) que sua indole o faça ser, mas sempre o alcool, que de seu organismo tomou conta, fel-o um louco mauzo até que um dia devido ao abuzo o faz um louco perigozo, richento e acaba num hospital ou num carcere, não sem muitas vezes levar com ele um companheiro pacato que se vê umas vezes na qualidade de vítima e noutras, a necessidade de reação o fez criminozo.

E como evitar esse mal?

Como fazer dezparecer esses quadros que diariamente se vêm estampados nos jornais? Já que não ha reação de parte das classes governamentais, nós como homens conscientes (e si não o somos devemos procurar sel-o) reagir com todas as forças contra esses vícios que nos lançam á desgraça e levam a desgraça a nossos lares, enlutando-os e deixando na mais completa miseria nossa prole, por si já tão definhada pelas privações que passa. Devemos ver que a classe mais atacada por esse mal é ezatamente a nossa, devido tambem ao continuo lidar com esses venenos, mas devemos adotar o que faz o farmacêutico que administra droga a todo o mundo, e para todos só muito boas mas para ele não são, ele não as prova; nós devemos seguir-lhes o exemplo: envenenar os outros já que assim o querem, mas nós é que não nos devemos envenenar...

Muito mais queria dizer-vos sobre o assunto, mas o espaço de que disponos não o comporta, sinão vos indicaria como a humanidade, desde as gerações mais remotas, se vem envenenando e definhando, chegando ao ponto em que está, corrompida pelo vicio, nas suas fórmulas mais diversas.

Amigos, companheiros, desprezai o fumo e o alcool e mais vícios que vos levam a gauder e a bolsa, vos definha e a vossas prole, e enveredai por outro caminho, applicando-vos um pouco mais ao estudo e vereis si o que eu vos digo e o que os mestres nos dizem é verdade.

AGARB.

Os novos impostos e as intenções patronais...

Com o novo aumento de impostos começaram tambem a surgir os rumores de uma projetada "revanche" dos proprietarios de hotéis, restaurants e cafés sobre os já reduzidos ordenados dos seus empregados.

Salarios de fome! — Eis o qualificativo que merecem os salarios que percebemos nós, os que, neste torrido clima brasileiro, estorricamos o organismo já depauperado deante da fornhalha chama-jante dos fogões ou "pomos os bofes pela boca", na estafante faina da sala do restaurant, hotel ou café, numa jornada de 12, 14 ou mais horas diarias, segundo apraz á sordida creatura a quem alugamos os nossos braços! E, contudo, ainda julgam esses benemeritos cavalheiros que essa mesquinhaia pôde perfeitamente sofrer reduções!

Nós perguntamos estupefatos, não da desfaçatez desses senhores exploradores, mas da ímivel submissão e conformidade com esse estado de miseria crecente — Onde iremos parar?

Que temos nós que ver com as aperturas financeiras, com as crises de quem no tempo de fartura e bonança não partilha conosco os seus lueros avultados?

Será, então, possível que ante tamanha miseria se não levante um protesto unizono e potente dos oprimidos, fazendo sentir aos cazantes de tantos e tão grandes males que basta de sofrimentos, basta de servidão?!



EXPEDIENTE

De conformidade com as bases do seu Grupo Editor, as colunas de *O Cosmopolita* estão francas a toda e qualquer expansão de pensamento, desde que se ajuste à lógica e à razão, e estejam em harmonia com a sua orientação.

O Cosmopolita publica-se nos dias 1 e 15 de mez.

Assinaturas

Ano \$5000
Semestre \$3000

PASCOA

Dedicado ao amigo e colega José Maria Vilar.

Nostalgicos pensamentos que de tempos a tempos nos aparecem na mente, como uma recordação dos momentos passados e ao lembral-os nos deixam uma saudade insondavel!

Passava, certa vez, por um caminho fundo e pedregoso que servia de leito a uma fonte de agua cristalina, que saia das entranhas daquelas barreiras, e se deslizava por entre as pedras do caminho, a que os raios ardentes de um sol de primavera dava uma deslumbrante claridade arjentea.

Debruçado sobre uma louza humida bebia agua na fonte um ancião andrajoso, avidamente sorvendo aquele liquido que lhe aplacava o estado febril. Ao vel-o, as suas cans inspiraram-me respeito e dó ao mesmo tempo, pelo seu tipo de Esopo, de que Velasquez fez a sua cabeça de estudo.

Como soubesse uma parte do passado daquelle velho proletario, encetei conversação com ele, pois que, quando interpelamos um homem de idade avançada, sempre nos contam alguma comvente historia dos tempos que já lá foram e muitas das quais nos servirão de lição para o futuro.

O ancião encarou-me friamente, mas pareceu-me haver inspirado uma certa simpatia, pelo respeito que lhe havia demonstrado. E então disse, filozofando: "Eu sou a velhice que vai, tu és a juventude que vem! Vens, pois, para a vida e que ela te seja mais propicia do foi para mim. Quando eu, como tu hoje, era ainda joven, emigrei daqui, em demanda de outras terras e de outros climas que fossem mais adequados, ás minhas aspirações!

Mas, onde quer que fosse, e, por mais que procurasse, encontrava a mesma sociedade, a mesma organização retrograda e opressora, a mesma crueldade implacavel por toda a parte!

Sofrendo, embora, todas as consequências, nunca me foi possível amoldar-me ás suas injustiças; rebelando-me sempre, compreendi, por fim, que nada póde adiantar uma formiga em frentando em reprezalia um formigueiro tão vasto. Humilhar-se? Nunca! mas enfrental-o? . . .

E assim fui correndo essas terras, sem mais pensar nesse fantasma a que chamamos iluzão e esperanza. Um dia senti-me fatigado e sem forças, incapaz de qualquer resistencia. Restava-me o suicidio, mas isso era a covardia. Não era preciso subir ao pincaro, e resolvi voltar ao lar da familia, esfomeado, andrajoso e doente.

Da familia só me restava uma irmã, que antes de partir demonstrava ter-me amizade.

Entre camponezes antagonicos e retrogrados, principalmente, o homem vale apenas pelos haveres que possue; grande parte dos que emigram, quando voltam apparecem com bons vestuarios e a carteira recheada de bilhetes do banco, a maior das vezes adquiridos, pondo de lado a incomoda conciencia.

Ao chegar, doente e pobre, como o sabio de Calderon, deram-me hospitalidade os meus parentes mais proximos que encontrara ainda: a minha irmã e o seu espozio (um camponez abastado), não sem um desdenhoso desprezo — mas temendo talvez a censura de algum despertado sentimento humanitario que pudesse surgir daquelle populacho.

A doença agravava-se de dia para dia, até que, por fim, caí de cama, tornando-me, por assim dizer, um empedilho para o aváro lavrador.

Um dia, afinal, transportaram-me para um celeiro que aquele miseravel tinha deocupado e para ali me atiraram, dizendo que individuos da minha espécie não mereciam cuidados. . . E lá fiquei curtindo a doença e sofrendo os rigores da ventania de inverno que se introduzia por entre as ripas e conjelava-me os ossos.

Senti-me um dia quasi desfalecer e pela porta do celeiro appareceu-me a figura de minha irmã, dotada de uma astucia relijioza, e dizendo-me haver chactacia relijioza e dizendo-me haver mandado chamar um padre para dar-me a "santa unção".

Quiz protestar, mas a lingua não se me dobrava na boca para proferir palavra, só intimamente sentia a raiva que me causaria a presença do padre, o "aza negra".

Felizmente o padre não veio, alegando que eu era um heréje e que não era permitido pelos sabios dar-se a "santa

unção" a um moribundo dentro de um celeiro.

Não se lembrava o sotaina que Paulo, de Tarso, estabelecador do cristianismo em Roma, quando perseguido pelos escribes de Nero, pregava ao povo, nos fossos de uma pedreira, detraz do monte da Via Apia. . .

Já um pouco restabelecido saí daquelle antro horrivel; um antigo camarada ofereceu-me, uma cazita que possuia descupada, e ali penso passar com rezignação o resto dos meus dias.

*
**

O velho cura tem o habito de fazer um percurso por toda a freguezia no domingo de pascoa, a dar a "benção" em todas as cazas; como holocausto, põem todos em cima das mezas, adornadas com bonitas toalhas, uma duzia de ovos, uma duzia de espigas e cinco tostões em moedas de prata.

Estas ele guarda-as avida e cuidadosamente; as espigas e os ovos passa-os para os cestos dos sacristais, para que carreguem para casa.

Certo dia encontrei-me por acaso, com o padre e ele disse-me que pela pascoa iria "benzer" a caza em que eu morava, nada lhe respondi, convencido de que lá não iria.

Qual não foi, porém, o meu espanto, vendo um belo dia o cura decer pelo caminho, em direcção á nossa caza, com os respectivos "sacristas" na cauda.

Afigurou-se-me azado o momento para pregar-lhe uma partida, e, num ápice, coloquei a meza de pinho no meio da caza, puz-lhe em cima uns páus secos cruzados como para uma fogueira, e sobre eles um arenque salgado. O cura entrou apressado como um corvo, tirou o hissope da "caldeirinha" e esparjiu em derredor a sua "tizana", proferindo o "dominus amenem", olhou cubiçoço para a meza e perguntou, por fim: "p'ra que tens aquí isto?"

—Esta é a minha refeição para hoje, si quer servir-se, é a unica coiza a que posso convidar-lhe. . .

E lá se foi dezapontado, indignado, jurando, por todos os santos da sua corte, não mais voltar a benzer-me a caza.

Ai tens essa historia dos tranzes da minha vida. Lembra-te dela, porque eu sou a velhice que vai, tu és a juventude que vem.

G. Costal

Lérias e Trêtas

Numa caza de petisqueiras da rua da Conceição, dois burguezes que ali vão, ás sextas-feiras, ao celebre "bacaláu nas brazas", travaram na ultima sexta-feira o seguinte dialogo:

— Por que será que nos restaurants ou hotéis de primeira ordem, apesar de tudo ser decente, as toalhas bem limpas, ha sempre moscas e aqui, que anda tudo sujo, as toalhas sempre imundas elas não fazem pouzo? . . .

— Ora essa! Então você não vê logo que isso é um "problema rezolvidido"! E' que aqui os garçons são todos "orelhudos" e neste vai-vem pelo meio da caza, a bater as dihas orelhas "canalizam" o vento em todas as direcções, e assim impossibilitam esses "inocentes" insectos de fazer o seu repasto na amavel companhia dos freguezes. . .

— Ah! Então é por isso que aqui, mesmo sem ventiladores, está-se á fresca!

— Pois é. A Light tirou o trabalho aos muarec e estes em reprezalia tiraram a renda que mesma companhia podia ter pelo consumo da energia eléctrica necessaria para movimentar os ventiladores. . .

*
**

No Restaurant da Urca uma familia de trabalhadores, apreciando um belo lunch, debaixo de pitoresca latada de maracujás, palestravam.

— De hoje em diante podemos contar um grande feito na vida, e que muita gente não conseguiu ainda. . .

— Devêras? E qual é esse feito tão grande assim?

— E que depois de roer muitos anos o pão que o diabo amassou, conseguimos um dia, ao menos, o pão de assucar! . . .

*
**

No dia 7 fóra anunciado um comicio contra a cagestia da vida, no largo de S. Francisco.

Logo que deixei o trabalho para lá me diriji, mas ao chegar lá, era tarde. A esse tempo já o povo se encaminhava para as classicas manifestações á imprensa. Segui. A multidão tomou o rumo da rua Sete de Setembro e entrou na rua da Quitanda, passou em frente ao Imparcial, sem fazer caso da "imparcialidade", seguiu até á Razão (Ora, razão já ele tinha demaziado) Veiu á sacada um cidadão que deitou a falação ás massas, pregando a reacção, a seu modo. "senhores! — começou o tal cidadão — preparai-vos para a luta que vai ser terrivel entre o primeiro

e o quarto estado social, ou seja o Estado e o proletariado, nada de violencias, aqui tendes a Razão ao vosso lado!"

(O' coerencia, ó lojica, por onde andais que te não vejo!)

Nesse momento ouve-se ao longe o tropel dos cavalos dos esbirros policiais, e o "povo" que já tinha antes a razão abstracta e agora tinha ao seu lado a razão concretada num titulo de jornal — achou muito mais prudente "dar cêbo ás conelas. . ."

MOXILA

Conferencias científicas

A PROFILAXIA DA SIFILIS

Acedendo gentilmente ao convite do Grupo Editor de "O Cosmopolita", o illustre Dr. João Pedro da Costa, medico do nosso Centro, onde tem prestado assinalados serviços profissionais aos seus associados, realizou na noite de 11 do corrente, perante regular concurrencia, a sua annunciada conferencia, primeira da série que pretende fazer sobre o problema altamente humano da profilaxia da sifilis.

O conferencista desenvolveu longa e proficientemente o tema, encarando-o sob varios aspectos, numa linguagem sobria, concisa e duma maneira simples, ao alcance dos profanos a nobre ciencia medica.

A interessante conferencia do Dr. João Pedro da Costa foi plena de ensinamentos utilissimos para quantos tiveram o feliz ensejo de ouvil-a, na maioria jovens hesperetos, que, ao renderem tributos ás inflexiveis leis da natureza, raro escapam ao contajio do terrivel mal, equivalente competidor da tuberculose, na ingrata ceifa de vidas.

Durante a leitura do seu erudito trabalho, o conferencista exhibiu á assistencia inumeras fotografias de cazos clinicos, para melhor elucidação e constatação dos exemplos citados. Falou detidamente sobre o tratamento do 606, do 909 e do moderno 1.016; fez o historico de todos esses medicamentos notadamente sobre o de Erlich que tanta revolução causou em todos os meios científicos; e salienta os graves inconvenientes que podem resultar do emprego de tais processos de cura, sem um prévio e detido ezame do organismo ao qual deva ser aplicado. Cite a proposito o eazo de um joven medico subitamente enlouquecido, após uma dezastroza applicação do "606".

Comenta dezassombadamente a feição mercantil, pouco eserupuloza, que se deu ao emprego desses preparados, dando-a como cauza do seu fracasso. Depois disto, o Dr. João Pedro passa a apontar os perigos da contaminacão da sifilis: a falta de hijiene nos cafés e restaurants, os barbeiros com as suas navalhas infeccionadas, com a celebre pedra antisetica, o culto catolico, etc., etc.

Digna de registro é a attitude de independencia do conferencista que, apesar de catolico, não hezitou entre o dever humanitario de meido e o de relijiozo, apontando a relijiao catolica com todas as suas cerimoniaes grotescas de beija-mão e lavajens d'agua benta, como o mais terrivel meio de contaminacão da sifilis. . .

Mas, é-nos inteiramente impossivel darnos, por muito intenso que seja o nosso desejo, um resumo sique da conferencia. A tanto não nos ajuda o nosso poder descriptivo, nem o trabalho do Dr. J. P. da Costa é obra que, pela sua relevante importancia, possa ser resumido. Pretendemos apenas dar ao leitor uma palida idéa da sua transcendência.

Sobre a mata esteve em exposição durante a conferencia diversos orgãos de sifiliticos, convenientemente conservados numa solução de formol; também para tornar mais pratica a conferencia o Dr. João Pedro da Costa levou um microscopio, através do qual os assistentes, curiosos, tiveram ocazião de observar os minusculos virus da sifilis.

Terminando não podemos deixar de consignar nestas linhas as delicadas referencias que o illustre Dr. João Pedro teve ocazião de fazer a este modesto orgam.

Outrosim, tornamos publico, destas colunas, o profundo reconhecimento dos companheiros do Centro Cosmopolita, pelos eccecionais serviços que suas. lhes vem prestando, com a generosa abnegação propria de quem faz da nobre ciencia medica um verdadeiro postulado.

Assim se honra a ciencia.

Assembléa Geral no Centro Cosmopolita

Quinta-feira, 18 do corrente, ás 21 e 1/2 horas, reúne-se o Centro Cosmopolita, em assembléa geral extraordinaria, para tratar de importantes questões associativas.

São convidados todos os socios

Centro Cosmopolita

A 7 de janeiro corrente, comemorando a passagem do 5º anniversario do movimento grevista de 1912, realizou o Centro Cosmopolita, um comicio de propaganda.

Apezar do máu tempo e do dia (era um domingo, dia em que, por um habito cristão, a nossa classe é decididamente refrataria ás reuniões associativas. . .) a concurrencia não foi totalmente dezanimadora.

Além disso, é bom notar-se, não estava annunciado nenhum "imponente baile" para o fim do comicio, e — circunstantia digna de registro — não havia "bouffet"! . . .

A' hora marcada, constituída a meza pelos companheiros Bento Alonso e J. C. Pimenta, respetivamente como presidente e secretario, tiveram inicio os trabalhos da sessão.

Fala o companheiro Bento Alonso, explicando os fins da reunião e lembrando as lutas travadas pelo Centro em prol da emancipação da classe.

Em seguida fala o companheiro Jacinto F. Lago, que começa censurando a quasi completa auzenzia da Administração do Centro, que, até então, só se achava representada no recinto pelo secretario; salienta que era essa a mesma Administração que, ainda ha poucos dias, cabalara furiosamente a sua propria eleição.

Passa depois a analizar as diversas administrações do Centro, que quasi nada háo trabalhado para despertar no seio da classe o interesse pelas suas reivindicações, fazendo incidir a sua critica sobre a conduta do companheiro que, na qualidade de presidente do Centro, por ocazião da greve de 7 de janeiro, fez uma escandalosa declaração na imprensa, que valia por uma verdadeira traição á cauza do proletariado. Esse companheiro, para ezimir-se a qualquer responsabilidade, declarou que o movimento não era promovido pelo Centro e sim por um grupo de socios que, para esse fim, lhe pedira o salão. . .

Os comentarios do companheiro Jacinto provocam uma tentativa de explicação do companheiro aludido, que pede a palavra e mais uma vez pretende justificar-se, só conseguindo com os seus dispartes provocar ora a hilaridade, ora a indignação da assembléa.

Os tres pontos capitais III O CRIME

O rabiscador ainda mesmo o mais indifferente, deve sentir alguma repugnancia ao apresentar certos personagens.

Eis o meu eazo. Michel Zévaeco, quando algum capitulo dos seus romances é menos escrupulozo, costuma pôr no final desse capitulo, mais ou menos isto:

"O precedente capitulo, póde não agradar ao leitor, mas ele está no direito de não ler e passar a diante."

Isto, depois do leitor haver gramado o capitulo em questão, é claro!

Ora, eu, aproveitando-me das palavras — das palavras apenas! — do grande romancista, direi:

Na parte que se segue, entra em acção um personagem da peor especie.

Assassino, algumas mortes lhe pezam na conciencia, si na verdade ele tiver conciencia.

Dzordeiro, ele é dos mais temidos. Pedir um cigarro e dar uma facada em quem lh'o negasse era para ele um divertimento.

Ladrão, na Saude, seu campo de acção, todos os negociantes o temem. Numa palavra, um refinadissimo patife.

Ora o leitor, — si é que eu terei algum — poderá terminar a narraçao na parte precedente. Aliás perderá o principal objectivo do meu conto.

Esse personagem é, nem mais nem menos, "moleque" Jannario — Jannario Francisco da Coveição, que tem fornecido o seu retrato acompanhado de algumas reportajens de suas proezas a varios jornais.

Mas devo ser justo: "moleque" Jannario, possuia uma coiza que falta a muita gente boa:

Patife, ladrão, bandido, assassino, ele seria incapaz duma traição.

E já agora, recordo-me dum eazo.

Certo negociante da rua do Livramento, sentiu-se roubado em vinte e tantos mil reis, da gaveta. Jannario achava-se lá quando se deu pelo roubo. O taberneiro, queixou-se á policia, e as descenfianças cairam sobre o bandido. Foi preso. Na delegacia, a autoridade perguntou-lhe:

— Para que roubou o dinheiro deste homem? E apontava para a vitima.

— E' falso! Não roubei nada. Respondeu.

— A policia, está informada que foi "você"!

— A policia, está mal informada.

Esse companheiro é duma infelicidade inaudita na defeza da sua dignidade tão gravemente comprometida, num gesto de tamanha infelicidade. Profere meia duzia de inconciencias, sobre a greve de julho de 1915, atacando-a precisamente no que ela teve de melhor: as suas manifestações francamente subversivas, os seus atos de audacioza "sabotaje", o conselho ao povo para comer e não pagar, obrigando muitos exploradores que continuavam a ter submissos ao seu serviço infelizes "amarelos", a fechar os seus estabelecimentos ao verficarem que a "numeroza freguezia" fazia-se servir lautamente, mas não correspondia á sua expectativa de grossa fêria. . .

As explicações do transfuga de 1912 obrigam o companheiro Raymundo R. Martins a tomar a palavra para desfazer as suas afirmações; aponta como impenitente traidor e covarde, não havendo outra palavra que defina com mais precisão a sua personalidade; ainda na ultima ajitação, disse, ele trabalhava na mesma caza, juntamente com outros companheiros do Centro, apontara o orador, e outros companheiros, como promotores salientes da ajitação, que então chegara ao seu apoujo, ameaçando terminar, como afinal terminou, na greve. Diz que o companheiro em questão fóra obrigado pelo proprio patrão a fazer a debatida declaração sob pena de ser despedido da caza, e isto após esse companheiro haver feito uma vaidozza ezibição da sua pessoa, fazendo publicar o seu retrato num jornal. Passa, depois, a fazer uma critica sobre o meio ambiente da classe, classificando-o de servil e assinalando-lhe os seus muitos prejuizos.

Fala Francisco Vilar profligando as administrações do Centro que se têm sucedido umas ás outras, sem nada fazerem, com rara ecceções; acua-as de "festeiras" e descuidadas dos altos interesses da classe, vizando unicamente a ezibição da suas pessoas, friza principalmente a administração Pregal.

Fala, por ultimo, Jesus B. Ricon, que analisa detidamente os varios momentos de reivindicacão da classe. Declara que irá trabalhar para a destituição da Administração do Centro, eazo ela não se rezolva a tomar a serio as reivindicacões da coletividade.

Termina a sessão ás 12 horas, em meio da maior animação.

— E como prova isso — O meu "serviço", é mais limpo. Estava lá quando o roubo foi feito, e vi quem foi o ladrão.

— Quem é?

— Isso pertence á policia, e eu não sou policia!

No dia seguinte, como não quizesse confessar, seguiu para a Detenção.

Note-se, que o verdadeiro ladrão era inimigo dele!

Dias depois, com receio de Jannario, o gatuno confessou o crime, sendo então este solto e seguindo o outro para a prisão, que por sua vez tres semanas depois era também posto em liberdade.

Um mez e poucos dias adiante, o negociante em questão teve de ir ao centro da cidade. Chegando á rua Larga, foi para ver que horas eram, e só então notou que o reloujo de ouro e corrente também de ouro com brilhantes tinha "voado". Foi logo queixar-se á policia. O ladrão que um mez antes lhe roubára vinte mil reis do negocio, e que já estava em liberdade, foi novamente enviado para a Detenção.

Cinco dias depois, "moleque" Jannario foi vizital-o.

— Pensionista outra vez, hein, Juca!

— Jannario, pensei que estavam zangado comigo.

— Estava, mas já não estou.

— Mas olha, Jannario. Juro-te que agora, estou inocente!

— Eu sei perfeitamente, pois que fui eu quem roubou o reloujo.

— Tu! Estás brincando.

— Já te disse! fui eu! Que eu minta, vá! Mas outro, não consinto.

Ele denunciou-me como sendo eu que lhe roubára os vinte mil reis. Então, roubei-o para que e'e não mentisse.

Os dous riram-se. Compreendiam-se perfeitamente.

— Péga cem mil reis! Disse "moleque" Jannario entregando uma nota ao outro.

— O que é isto?

— Vendi o "negocio" por duzentos mil reis; cem são teus, os outros cem são meus.

— Jannario, sejamos amigos!

— Sou teu amigo, desde que foste prezo agora. Mas nota o que te vou dizer:

Nunca denuncie ninguém, e tu denunciaste-me uma vez. . .

— Não fui eu, Jannario, foi. . .

— Não acuzes ninguém, sei perfeitamente que foste tu. Mas escuta. Denunciaste-me uma vez, foste preso agora, sem razão e, involuntariamente, por minha cauza, se bem que eu nada tenha com isso, vou arranjar com que vás para a rua amanhã ou depois.

Estamos quietes, continuamos sendo amigos. Mas nota bem, si me denunciáreis segunda vez, mato-te!

Devia ter, na época em que se passa esta narração, vinte e quatro anos. Um ultimo traço: De raça creoula, ele era quazi branco.

Um chapéu preto, de abas bastante largas cobria-lhe as feições. O cazaco, abotoado até em cima, ocultava-lhe parte do rosto. Não levava sobretudo, e não sei si ele mesmo o teria.

Onde iria ele áquella hora, afrontando as agruras do frio?

A resposta, é difficil...

Na esquina da praia de Botafogo, parou, acendeu um cigarro e poz-se observando as ondas de fumaça que subiam de sua boca, o rosto até ao queixo sempre oculto pela gola do paletot, depois as mãos nos bolsos, caminhou em direção á cidade.

Seria do frio, ou procuraria assim caminhar desprezeado? Em todo o Rio talvez não houvesse distrito policial onde seu nome não fosse conhecido.

Logo em baixo, na residência do comendador Gonçalves, havia festa.

Ele era um salteador audacioso, um verdadeiro tipo temerario, Estaria ele meditando no momento de agir ali mesmo?

Estava ali haveria talvez, uns dez minutos, quando o seu olhar foi despertado por um grupo de crianças gritando, gesticulando e que distribuíam socos, batidas e empurrões numa outra criança que fazia vaõs esforços para se desvencilhar delas.

Ficou indignado. Ia caminhar ao portão, repreender o creado e esbofetear esse cavalleiro que tão covardemente tratara uma criança!

Nada adiantaria. Iria prezo, e essa desgraçada ficaria ali abandonada. Era preciso tirar dali aquella infeliz.

Foi junto á creança, fez-lhe carinho, tirou um lenço do bolso e limpou-lhe as lagrimas e o sangue que lhe escorria do nariz e da boca.

— Machucaram-te muito? Perguntou Januario.

— Eles eram muitos!... E depois toda veia aquele homem!...

— Ha sempre mal, meu querido innocente, em fazer "mal" aos maldozos. Não debes ficar aí. Queres vir comigo?

— Como te chamas?

— Amadeu. Respondeu a creança.

— Não tens pais! Sózinho no mundo! E's então um desgraçado, como eu!

— Que frio!... Disse pela segunda vez a creança.

— Tu tens frio! Que desgraçado eu sou! Não tinha reparado nisso.

O frio era medonho. O "bandido"

pouzou a creança no chão, tirou o seu proprio paletot e agasalhou o pequenito com ele.

— Ainda tens frio?

— Não. Tenho agora muita fome.

— Vem comigo. Vamos comer.

— Não. Agora já não tenho mais fome.

— Agora vou levar-te a tua caza. Onde moras?

— Não quero?

— E quem é essa mulher que te bate?

— Não morro do Livramento.

— Não morro do Livramento? E como vieste parar aqui sózinha?

— Ela bate-me muito! E no rosto da criança transparecia o medo.

— Queres vir comigo?

— Ah! quero, quero. Disse batendo as mãos.

— Gostas muito de mim?

— Gosto, sim senhor. O senhor é muito bom. E' como se fosse meu pai.

— Ah, conhecestes então teu pai?

— Eu nunca tive pai. Mas os pais das outras creanças como eu, são bons como o senhor é.

— "O senhor será mesmo o meu pai?"

— Sim! Sou teu "pai"!

— Ah! Eu logo vi!

— Vem; vamos para a minha... para a "nossa" caza.

— Nunca mais terás tome e frio, porque agora, tens um pai.

— Sim! Agora, eu tinha um filho!...

Rio, Dezembro de 1916.

Semog Leonam

Café e Bilhares PUERTO RICO

Bebidas Nacionais e Estrangeiras, Comidas, Frias etc.

SOUTO & C. Aberto até 1 hora da noite

Rua do Riachuelo, n. 11 TELEFONE 2190 Central Rio de Janeiro

Como se enjendra um verdugo

No Hotel Internacional trabalha um individuo que exerce as funções de maître d'hôtel. Esse individuo antes de estourar a guerra que atualmente exter-

mina a Europa, exercia o mistér de estavador em um porto comercial da Inglaterra. Segue-se que uma vez aqui chegado foi ocupar a chefia da portaria do hotel acima referido; sem capacidade, nem habilitação alguma para tal mistér, encontrou-se no seu desejado elemento; ele, chaleira de natureza, e as mulheres da gerencia amigas de que lhe chalem. Começou a levar e trazer novidades até que se garantiu.

Tido como um empregado primoroso, foi elevado á categoria de maître d'hôtel, sem que reunisse condição alguma para o desempenho de tal função, arvorou-se num Deus, todo poderoso, impondo tudo fóra da regra de trabalho, não só aos subalternos do restaurant, como a todos os demais empregados do estabelecimento.

Por aqui se pôde fazer um calculo do caracter desse individuo; hoje que é um maître d'hôtel incompetente, não trepidará em cometer tanto abuso, o que não fará, si amanhã fór arvorado em gerente, como é de supór, graças ao seu temperamento adulador?

Prevenimo-nos e desembanhámos a esgrima, aguardando oportunidade de desferir-lhe o golpe mortal, que o prostrará por terra.

Antecipadamente lhe prevenimos que tome precaução, mude de teoria, si não quer que lhe movamos uma tenaz campanha até realizar o fim que vizamos.

Não sou critico nem articulista, mas, em vista de tantos demandos, sou obrigado a trazel-o em publico nas colunas de O Cosmopolita.

Rinha do Castilho

JEWSBURY & BROWN'S

Manchester, England

Quinine Tonic Dry Ginger Ale

Sole Agent:—C. N. Lefebvre Rio de Janeiro

A Ciencia e a Religião

(Conclusão)

Que é a agua? A análise quimica me demonstra que está constituida pela combinação de dois gazes: o oxigenio, gaz da vida, e o hidrogenio. A corrente galvanica transforma essa agua em seus dois gazes de composição, e com a ajuda da fiação eléctrica combina-se outra vez o oxigenio e o hidrogenio para formar novamente a agua.

E em todas essas transformações, erio ou aniquilou alguma coisa o quimico? Nada.

A materia é tudo o que cá debaixo da ação dos nossos sentidos.

Só a conhecemos pelas suas propriedades e pelas impressões que comunica aos nossos orgãos dos sentidos e ao nosso sistema nervoso.

O calor, a luz, a electricidade, o som, o peso, tudo o que constitui as propriedades da materia não são fórmias diferentes do movimento das moléculas de materia. A forea é, pois, inseparavel da materia, como ela, é indestrutivel. Transforma-se, mas não estingue-se jamais.

O calor, por exemplo, gera movimento, o movimento, porém, pôde por sua vez reaccionar sobre o calor. A luz do sol, armazenada nos bosques primarios, enterrados e carbonizados, reaparece na combustão do carvão, debaixo da fórmia de calor, que pôde ser transformada em movimento em uma maquina de vapor, movimento que por sua vez, por meio de um aparelho electro-magnético, pôde ser transformado em electricidade e em luz, como nos farós eléctricos...

Ora bem, as forças vitais não são de diferente natureza que as forças físicas. As forças que os seres vivos desenvolvem forças musculares, força intellectual, estão indissolvemente ligados aos orgãos que se geram. Proceem das combustões organicas, e no fundo, não são mais que a transformação da força potencial contida nos alimentos queimados pelo oxigenio da respiração.

O "pensamento" não se accêta desta lei. O cerebro é necessario aos nossos movimentos. Que é que arde no musculo? Hidrocarburos, carvão. Que arde no cerebro? Lecitina, substancia cinzenta fosforada.

Pode-se comparar o pensamento á chama de uma vela, que não é a estearina que se derrete, nem a mécha que se queima, do mesmo modo que a ideia não é a lecitina cerebral que se queima mas a chispa que brota dessa combustão.

Não ha sensação, nem consciencia, nem pensamento, nem vontade sem cerebro...

Ha alguns seculos o homem explicava os fenómenos da natureza pela intervenção das potencias sobrenaturais: Jupiter lançava o raio; Fébo guiava o sol em sua marcha; Netuno mandava as ondas. Em sua necessidade de explicar todas as coisas, o homem povoava o universo com seus deuses.

Hoje, essas divindades que o homem fazia á sua imagem e animava com as suas proprias paixões, desvaneceram-se; a ciencia substituiu-as com as forças naturais, que não se sujeitam a nenhum capricho, e que obrigam aos planetas, o sol e as estrelas, á percorrer suas órbitas eternas em vertiginosa carreira. Essas forças fazem da belota, um sobrero, da simples célula um homeni.

CH. DEBIERRE.

Para Cambuquira segue hoje, 15, a trabalhar no hotel do mesmo nome, o nosso estimado companheiro Antonio Conde Garcia, ativo membro do nosso Grupo Editor, em cujo seio prestou sempre o concurso da sua infatigavel atividade ao desenvolvimento de "O Cosmopolita".

Esperamos que o companheiro Conde Garcia continue a prestar naquela importante estação de aguas do Estado de Minas os melhores serviços ás reivindicações proletarias.

Em nome do G. E. de "O Cosmopolita" saudamos afetuosamente o camarada que ora se auzenta, almejando-lhe felicidades.

A Degringolada

Companheiros de "O Cosmopolita" Peço permissão ao autor de tão bem intencionadas linhas para lhe gabar francamente a sinceridade do pensamento e a precisão com que soube desferir certos golpes na dezorganização do serviço da nossa classe entre nós, sem ferir a nota pessoal, sem melindrar individualidades.

Demonstrou ter uma profunda pratica e ser conhecedor dos irremediaveis contrastes desta mal organizada industria de alimentação.

Infelizmente, companheiros, temos a infelicidade de pertencer ou fazer parte de uma classe chamada classe domestica, ou melhor, classe servil. Tudo por falta de preparo, falta de companheirismo, falta de comparecimento ás reuniões onde se ventilam os nossos interesses: despreocupação, desinteresse, indiferentismo por tudo quanto nos diz respeito.

Por falta de homens competentes e capazes de saber se impór nos seus compromissos profissionais, sacrificam-se as energias físicas e morais daqueles que, por instinto natural, ou dotados de um pensamento livre, são as vitimas naturais dos que, atribuindo-se grandes evoluções profissionais, não passam de méros infelizes, porque, por um lamentavel desconhecimento dos seus direitos e deveres, olvidando-se do primordial dever de bater-se pela sua dignidade ultrajada, são por fim arrastados aos extremos da degradação.

Esses são as vitimas com as quais todos os dias nos esbarramos nas ruas e praças desta cidade, dormindo ao relento; são os infelizes que enchem as mais infetas tascas, a que, finalmente, irão povoar os hospitais publicos.

E pensar que os que hoje são mestres foram os dicipulos desses espéctros da miseria, e que ao vel-os com as forças aniquiladas têm para ele um gesto de escarneio ou um olhar de desprezo!

Pois, companheiros! reunamo-nos, tratemos da nossa cauza, independente de fanatismos e de rivalidades pessoais e mesquinhas a ver si assim evitaremos esses vergonhosos espetáculos de companheiros de caides, desprestijiados e reduzidos no ultimo quartel da vida ou em plena mocidade aos extremos da miseria.

Decididamente precisamos tomar uma iniciativa ou do contrario abandonar por completo as aspirações de emancipar uma classe tão oprimida, mas tão descuída dos seus interesses.

Um sacrificado

DR. JOÃO PEDRO DA COSTA

MEDICO OPERADOR DA UNIAO DOS EMPREGADOS NO COMERCIO E DO CENTRO COSMOPOLITA—OCULISTA DO INSTITUTO BENJAMIN CONSTANT

Cirurgia em geral e especialidade das vias urinarias.

Tratamento rapido da sífilis, da gonorréa e das suas complicações

Aplica o 606 e 914

Consultorio: Uruguayana, 8

OS AMORFOS

Frequentemente observamos em redor de nós, a existencia duma apreciavel quantidade de individuos que apresentam todos os indicios de uma pobreza mental quazi absoluta. Assim é que vemos os desenvolver-se dentro do ambiente social como personalidades vagas e vacillantes; analisando todos os seus atos e seguindo todos os seus movimentos automaticos, revelam-se-nos como homens que necessitam de vontade propria e de caráter, incapazes de seguir uma orientação pratica e definida, de tendencia progressiva, porém absolutamente ingrata ao meio em que vivem. Esses individuos são denominados "amorfos" ou "indiferentes".

Esses apaticos, que desempenham a missão anodina de intervir apenas em todos os fatos superficiais da existencia humana e social, marcham pela estrada da vida, sem ideais, sem impulsos proprios, desvinculados de toda a ação generosa e elevada.

Uns apaixonam-se pelas diversões hipicas; outros pelo jogo do bilhar, aqueles abancam febrilmente ás cazas de batatas, est'outros lançam-se nas pangedas, nas bambuchatas, aquel'outros na embriaguez do alcool, etc.; e em todas estas occupações frivolas ou prejudiciaes consomem os "amorfos" a melhor parte da sua existencia.

Os atos mais nobres, de maior profundidade e elevação, são olhados e apreciados com insolente desdém, numa ingolencia sistemática por esses perpetuadores de praticas velhas e de rotina atavica.

São adversarios irredutíveis de tudo que representa uma ideia avançada e fecunda.

Na luta que se trava implacavelmente entre conservadores e revolucionarios, eles desempenham o papel de "convidados de pedra, como "fantoques", extraviados no caminho humano, a que falta a luz do pensamento proprio, e do caráter firme para poderem orientar-se.

Onde vão? Não o sabem de ciencia certa. Talvez subir muito alto ás posições mais invejáveis, ou talvez cairem no nada, fundindo-se no pó do esquecimento!

Pobres seres! Quanto dó nos cauzam! Em todo cazo parece-lhes que vivem no melhor dos mundos, e que a sua vida é a mais agradável. Pensam que o mundo e as coisas têm sido sempre assim e que eles não podem transformal-os. São os "amorfos" que dormem um sono letarico. Procuremos despertal-os.

M. Cesarelle

Da revista "Artes Graphics".

Fabrica de Cerveja Oriente de José Vasques Ferro

Rua Visc. do Rio Branco 30

Pitoresco Parque ao ar livre (Entrada pela rua da Constituição 35)

Telefone — C. 1573

RIO DE JANEIRO

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

Um sacrificado

RIO DÃO O VINHO DE MEZA PREFERIDO

J. FERRREIRA & C.

CERVEJA PARK BIER—Estomacal e nutritiva

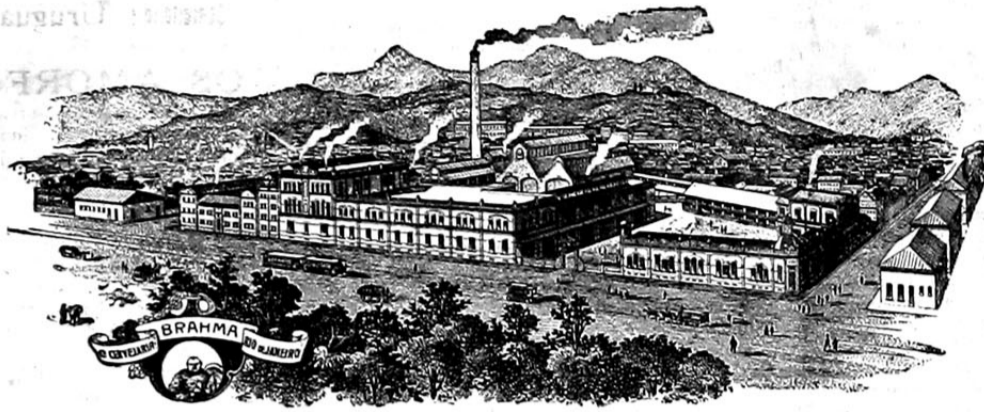
PRAÇA TIRADENTES, 27

FABRICA CONFIANÇA DO BARZIL

De Roupas brancas para homens, Cama e meza,

É A QUE VENDE MAIS BARATO E QUE MELHOR SERVE 87-RUA DA CARIOCA-87 - (Não tem filiais)

CERVEJARIA BRAHMA



Recomenda as
suas afamadas
marcas:

BRAHMA

BRAHMINA

TEUTONIA

FIDALGA

MALZBIER

BRAHMA PORTER

que são as preferidas pelas pessoas de bom gosto

CENTRO COSMOPOLITA -

Séde: RUA DO SENADO, 215 - 27
(Telefone: Central 1499)

Esta sociedade, fundada em 31 de Julho de 1903, incumbem-se de fornecer ás exmas. familias, confeitarias, hotéis, restaurants clubs, bars e demais cazas deste ramo, pessoal competente para banquetes, cazamentos, pic-nics, etc. etc. não só na capital como no interior, responsabilizando-se pelo mesmo.

Aluga o seu vasto salão para festivais, concertos, conferencias e outros atos de reconhecida moralidade.

Atende-se a chamados todos os dias uteis das 7 ás 22 horas e aos domingos até ao meio dia.

“CAZA RIST”

DEPOZITO EXCLUZIVO DE PRODUTOS NACIONAIS

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77



Telefone 455 - Central

BEBAM

CAXAMBU'

A soberana das aguas de meza.

BEBAM

SALUTARIS

A rainha das
aguas de meza